REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 236

11 DE JULHO 1885

REDACÇAO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Depois de vermos as provas da nossa ultima chronica, chegaram-nos do norte de Portugal duas noticias tristes.

Entre a estação de Barcellos e de Trofa, morrera dentro do comboio em que vinha para Lisboa, o dr. Oliveira Soares; na povoação de Ermezinde, onde fôra procurar alivios á sua persistente enfermidade, succumbira o editor portuense, tão conhecido em toda a parte onde se fala portuguez, o sr. Ernesto Chardron.

Ambas as noticias nos maguaram, e entretanto nenhuma nos surprehendeu. Eram de ha muito esperadas e previstas.

A ultima vez que estivemos com o dr. Oliveira Soares palpitou-nos logo lugubremente que não lhe tornariamos a falar. A doença fizera n'elle estragos enormes, transformara-o já quasi que n'um cadaver.

Muito intelligente, muito illustrado e muito alegre, o dr. Oliveira Soares tinha numerosas sympathias em Lisboa, era querido e estimado em toda a parte, e ao pé d'elle não havia tristezas.

Ha um tempo para cá essa alegria caracteristica desapparecera um pouco: a morte minava-o e elle sabia-o perfeitamente. Entretanto não se acobardava em frente da catastrophe que o ameaçava implacavel, e o seu bom humor triumphava de quando em quando dos seus padecimentos physicos.

O dr. Oliveira Soares morreu de uma doença, para o tratamento da qual uma das condições indispensaveis é a abstinencia completa e formal de doces, de tudo que leva assucar.

Durante um tempo qualquer elle submetteu-se pacientemente a esse regimen, mais por condescendencia para com os seus amigos do que por convicção medica.

Um dia porém fartou-se d'essa abstinencia.

Era guloso como um rapaz, e mandando *bugiar* os preceitos da sciencia, atirou-se valentemente ás trouxas de ovos, aos pasteis de nata, aos bolos, ao pão de ló, ás compotas, a tudo quanto era doce.

E fugia á vigilancia da familia e dos amigos, para correr a metter-se nos confeiteiros onde passava horas, devorando com uma avidez feroz os doces mais doces que lá achava.

Um dia encontrámol-o n'uma d'essas *escapades*. Estava no *Violette* da rua dos Capellistas dando cabo de todos os pasteis de morango que aromatisavam na *montre*.

— Oh! homem! Você por aqui! Então isso não lhe faz mal?

— Talvez faça! eu não creio. Entretanto, como ou com doces ou sem doces, eu estou por pouco... Oh! por muito pouco, ninguem o sabe melhor do que eu... ao menos quero ir consolado.

E passava, cheio de delicias, para os bolos de crème...

Pobre Oliveira Soares, que eu conheci de tão pequeno, que foi tão amigo de meu velho e querido pae, que tinha para commigo essa familiaridade bondosa que se tem para aquelles a quem se pegou ao cólo.

E não era só um bom medico, era tambem um excellente homem, tinha talento, tinha sciencia, tinha graça e tinha tambem caracter.

Ernesto Chardron, conhecemol-o muito pouco. Tivemos com elle apenas as relações indispensaveis como editor do nosso primeiro livro, relações das mais cordeaes, confessamol-o com prazer, e conhecemol-o pessoalmente na sua livraria, no alto da rua dos Clerigos, ha muitos annos, de uma das primeiras vezes que estivemos no Porto, e d'esse conhecimento conservámos recordação agradavel, porque Ernesto Chardron era um homem sympathico, amavel, de bello tracto para fazer amigos.

A morte levou-o muito novo ainda, muito novo sim, mas muito cançado dos trabalhos da vida.

Porque Ernesto Chardron foi um trabalhador a valer. E senão veja-se o que elle fez, veja-se a importancia do seu trabalho de editor.

Todos os nossos escriptores mais notaveis ou quasi todos, tiveram negocios com Chardron, e tem livros lá editados.

E corajoso a valer, o benemerito editor não recuava deante das estreias dos novos, dos desconhecidos, d'aquelles que queriam fazer caminho.

Pelo contrario Ernesto Chardron abria de par em par as portas da publicidade aos que principiavam, e não explorava a sua obscuridade, não lhes regateava o preço do seu trabalho, pagava a todos, mais ou menos, bem entendido, que aos desconhecidos não podia pagar como aos grandes nomes laureados, mas pagava, animava ao trabalho, punha em evidencia talentos novos, e contribuiu muito assim para o movimento litterario do nosso tempo.

Editou muita cousa má decerto, *tant pis pour lui*, mas editou tambem muita cousa boa, e tinha a grande qualidade, uma qualidade que vae sendo rarissima nos nossos editores, de não se assustar com livros portuguezes.

Bastava isto para bem merecer de todos os homens de lettras portuguezes, e de todos quantos se importam com a prosperidade da litteratura nacional.

E aproveitando a occasião de falar de editores e de livros portuguezes, duas noticias importantes de livraria.

A casa editora do sr. David Corazzi começou a publicar um livro importantissimo sob todos os pontos de vista — um *Album de Africa Occidental* photographico e descriptivo, feito pelo sr. Cunha Moraes e prefaciado por Luciano Cordeiro.

A Empreza Litteraria Fluminense do sr. Silva Lobo concluiu já a publicação do primeiro volume das celebres cartas do grande Antonio Vieira.

O valor d'esta obra e a alta importancia d'esta edição não precisam d'encarecimentos; acima de to-

DR. JOSÉ MARIA ALVES BRANCO — FALLECIDO EM 10 DE JUNHO DE 1885
(Segundo uma photographia de H. Nunes)

dos os reclames que se pudessem fazer, está o nome celebrado do mais brilhante dos nossos prosadores, d'esse enorme colosso sobre quem tem passado já dois seculos sem o conseguirem envelhecer.

E ainda no dominio das noticias litterarias outra importante e que desperta grande curiosidade. Antonio Ennes, o glorioso dramaturgo dos *Lazaristas*, dos *Engeitados* e do *Luxo*, acabou de escrever um romance para o jornal o *Paiz*, do Rio de Janeiro, intitulado *O caminho errado*, que tem por assumpto a lucta da liberdade e de reacção, e que é uma continuação em romance, da lucta começada no theatro pelos *Lazaristas* contra o ultramontanismo.

O nome brilhante de Antonio Ennes, como dramaturgo, como jornalista, como critico, dá de ante-mão um grande successo de curiosidades a esse livro que é a estreia d'esse vigoroso e masculo talento no genero romance.

Decididamente estamos atravessando uma epocha estranha, uma epocha em que todas as coisas mais oppostas se produzem ao mesmo tempo n'uma união fraternal, em que ao lado das mais famosas descobertas da sciencia, se exhibem os mais maravilhosos phenomenos da superstição humana, um seculo que não se crê em Deus e se acredita no spiritismo, em que regeita tudo o que é sobrenatural e em que se acceitam de braços abertos as mulheres que deitam cartas, um seculo que glorifica na mesma apotheose Littré e a senhora de Lourdes, o centenario do Pombal e o apparecimento da senhora do Sameiro.

É tudo o que ha de mais estapafurdio o que nós estamos presenceando no ultimo quartel d'este seculo das luzes.

Agora para o quadro ser completo appareceu ahi para Vendas Novas o menino santo.

De todas as ultimas exhibições da crendice humana esta é não só a mais moderna como tambem a mais curiosa.

O menino santo é um rapasito de nove annos, filho d'uns camponios de Vendas Novas! É pequeno, enfesado, rachitico e... prodigioso.

Esse menino sabe tudo, como o seu collega Deus e trata todas as doenças com uma certeza e uma felicidade, que está a pedir escola-medica.

O menino dá as suas consultas a toda a hora do dia, no campo, ao ar livre, deitado debaixo de uma arvore.

É mettido comsigo, é de poucas palavras como celebridade que se presa.

O doente chega: quem faz o interrogatorio é o santo pae ou a santa mãe.

O pequeno deitado debaixo da arvore ouve, ouve e remoe.

Acabada a exposição do doente o menino santo agarra n'uma pedra e atira-a para o chão, ao acaso. As hervas em cima de que cae a pedra, são o remedio para a doença sobre que o consultam.

Se a doença não tem remedio o menino santo desata a chorar e em qualquer dos casos ou hervas ou lagrimas, o doente dá uma esportula aos paes do prodigio.

É assim que o menino santo trata as doenças, ou antes é assim que nol-o contam pessoas que lá foram presencear estas singulares scenas.

Agora o que é original é que este menino santo é consultado diariamente por trezentas e quatrocentas pessoas: o que é original é quo o menino santo tem feito subir consideravelmente o rendimento do caminho de ferro de Torres Novas n'estes ultimos mezes; o que é original é que é tal o fanatismo que ahi vae pelo menino santo, que quem lá vae e não se curva reverentemente ao Jehovah de Vendas Novas, arrisca-se a ser corrido á pedra, ou cosido a facadas.

A imaginação popular apossou-se logo d'este prodigio verdadeiramente prodigioso em Portugal no anno de 1885, e já se contam curas maravilhosas, milagrosas, é o termo, feitas pela pequeno santo, e ha muita gente que com toda a seriedade sustenta, affirma e defende que elle é o *Anti-Christo*.

É extraordinario, é funambulesco, mas é realmente assim.

E de aqui a pouco Portugal terá dois *Anti-Christos* — o de Vendas Novas, que já appareceu a publico, e o do sr. Gomes Leal que vae sahir á luz.

Que bello reclame que o menino santo seria para o livro do illustre poeta das *Claridades do Sol*, se o talento de Gomes Leal precisasse de reclames.

Gervasio Lobato.

O DR. ALVES BRANCO

José Maria Alves Branco era um dos medicos clinicos mais conhecidos de Lisboa e um dos operadores mais distinctos que a cirurgia portugueza tem contado nos seus fastos aliás notavelmente brilhantes. Filho da chamada *escola nova*, isto é, da renascença do ensino medico e cirurgico em Portugal, possuia uma forte educação scientifica, e exercia a sua profissão com um grande e intelligente amor pelos progressos da «arte de curar» como se dizia n'outro tempo. No meio d'uma clinica numerosissima, á qual se accrescentavam os encargos de uma importante direcção hospitalar, o serviço de sub-delegado de saude, e do primeiro consultorio medico de Lisboa, o exercicio do professorado anatomico-artistico na Academia de Bellas Artes, e a redacção de um jornal especialista, — Alves Branco estudava os processos e descobertas novas, lia todas as revistas medico-cirurgicas, discutia na Sociedade das Sciencias medicas, e conquistou a justissima fama de um dos primeiros operadores europeus de ovariotomia.

Expansivo, jovial, *cavaqueador* delicioso, todos o consideravam como um rapaz, apezar dos seus sessenta annos.

Nascera em Lisboa aos 8 de fevereiro de 1825, no mesmo anno em que seu primo Domingos Alves Branco Moniz Barreto, um dos patriarchas da independencia do Brazil, proclamava, primeiro do que ninguem, no Rio de Janeiro, o sr. D. Pedro d'Alcantara, como *primeiro imperador e defensor perpetuo do Brazil*. — «O principe regente» — conta Mello Moraes na sua *Historia*, — «no dia 4 de outubro, antes da sua acclamação, entrou para a Maçonaria, e na ausencia do Grão Mestre José Bonifacio, dias depois é proclamado Grão Mestre da Ordem, e n'essa mesma occasião Domingos Alves Branco Moniz Barreto declarou que o augusto defensor perpetuo deveria ser acclamado *imperador* e não *rei* do Brazil, e subindo a uma meza acclamou por tres vezes com voz forte: Viva o sr. D. Pedro d'Alcantara, primeiro imperador e defensor perpetuo do Brazil! o que foi unanimemente correspondido pela Assembléa. Em seguida resolveu-se que a acclamação civil fosse (como foi) no dia 12 de outubro.»

Formou-se o dr. Alves Branco na escola medica-cirurgica de Lisboa, e pouco tempo depois da sua formatura foi mandado á Madeira, então devastada por uma das mais terriveis invasões do cholera.

Prestou relevantes serviços n'aquella campanha onde esteve para perder a vida.

Quando ha annos se pronunciou um energico movimento de opinião, em favor da reforma dos nossos serviços hospitalares, Alves Branco entrou denodadamente n'esse movimento, com a sua palavra na Sociedade das Sciencias Medicas, e com a sua penna, nos jornaes especialistas, podendo dizer-se que ganhou desde logo o primeiro posto n'esse movimento que lhe valeu não poucos desgostos, mas que conseguiu fazer triumphar muitas idéas e alguns progressos uteis para o paiz.

Chamavam-lhe o medico das mulheres e das creanças, e realmente nenhum em Portugal havia que tivesse um *olho medico* mais perspicaz e seguro para a pathologia tão delicada e ingrata das creanças e das mulheres.

A firmeza e pericia do seu pulso de operador, o exito frequente das suas operações mais arriscadas e difficeis, deram-lhe uma voga enorme em todo o paiz.

A sua morte produziu um sentimento geral.

AS NOSSAS GRAVURAS

QUATRO ESCULPTURAS DE SIMÕES D'ALMEIDA

Mais quatro obras d'arte vem augmentar a já notavel collecção de esculpturas do estatuario sr. Simões d'Almeida, digno professor da Academia de Bellas-Artes de Lisboa.

O auctor das estatuas do duque da Terceira, de Ignez de Castro, do Saltimbanco, da Saudade, da Puberdade, de D. Sebastião, da Victoria para o monumento aos Restauradores de Portugal, e de outras que nos não occorrem n'este momento á idéa, mas que se encontram quasi todas reproduzidas nas paginas do Occidente, foi encarregado pela direcção do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, de fazer as estatuas de quatro dos mais notaveis portuguezes que enobreceram Portugal e o mundo, pelos seus grandes feitos e serviços prestados á civilisação, sendo essas estatuas destinadas a serem collocadas na frontaria do architectonico edificio que a mesma sociedade mandou construir para sua instalação na cidade do Rio de Janeiro.

O novo edificio do Gabinete Portuguez de Leitura, é um verdadeiro monumento que attesta a grande importancia da colonia portugueza n'aquelle paiz, e a paginas 57 do IV volume do Occidente reproduzimos o projecto d'esse edificio cuja fundação foi inaugurada com grandes festas no dia 10 de junho de 1880, tricentenario da morte de Camões.

N'aquelle projecto veem-se quatro baldaquinos dispostos na fachada e destinados a coroarem quatro estatuas monumentaes.

São essas estatuas que o esculptor sr. Simões d'Almeida criou com o seu classico cinzel, dando vulto na pedra a Camões, o immortal cantor das glorias de Portugal; a Vasco da Gama, o esforçado navegador que trouxe á patria as riquezas da India e ensinou ao mundo o caminho de lá ir; ao infante D. Henrique, o iniciador das descobertas dos portuguezes; e a Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil.

Estas estatuas são de uma grande correcção, como se póde ver pelas reproducções que apresentamos, e tem toda a nobreza e severidade que a arte aconselha na grande estatuaria que é a grande idealisação dos heroes que a historia registra nas suas paginas gloriosas, e que as gerações vão elevando em pedestaes de ouro, tanto mais levantados quantos mais seculos tenham volvido sobre a sua memoria.

D'ahi o porte elevado, nas estatuas heroicas, a physionomia grave e severa, a attitude pousada e nobre, impondo-se este conjuncto ao respeito e á veneração do observador, e revolvendo-se tudo isto na imaginação do artista, para que a sua obra satisfaça a estes predicados indispensaveis na esculptura monumental, pela mesma razão que o poema heroico tem de ser escripto em estylo elevado e sonoro consoante aos heroicos feitos que historía.

Quando o artista sabe triumphar d'estas convenções, e as suas estatuas teem ossos, musculos, carne; quando as attitudes paradas não teem a immobilidade da pedra ou do bronze; quando as roupas que revestem as figuras deixam perceber atravez da pedra e do metal, o veludo ou a seda, o panno de lã, o borel, a malha fina ou a regidez metalica das armaduras, quando tem conseguido dar ás suas estatuas toda a realidade plastica sem prejuizo do ideal elevado que deve acompanhar a obra d'arte, a sua producção é perfeita, completa, sem os exageros desoladores do realismo, nem os abusos ridiculos do maneirismo obsoléto.

D'estes perigosos escolhos salvou-se briosamente o sr. Simões d'Almeida, e sem a pretenção de fazer uma obra d'arte, a toda a altura do seu talento, produziu quatro estatuas monumentaes onde não faltam as regras da arte e se revela o engenho do artista na concepção de quatro vultos dos mais notaveis da historia de Portugal.

Consta-nos que as estatuas já se acham collocadas no edificio do Gabinete Portuguez de Leitura do Rio de Janeiro, e que o effeito que produzem é agradavel, completando a belleza do edificio a que bem se póde chamar um monumento.

CIDADE DE S. PAULO DA ASSUMPÇÃO DE LOANDA

Publicando hoje uma vista panoramica da cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda, capital da rica provincia de Angola, na Africa Occidental Portugueza, proseguimos em o nosso empenho de tornar bem conhecido do publico o paiz africano, onde Portugal tem tão vastas possessões.

Quando a paginas 76 do volume VI do Occidente publicámos uma outra vista de Loanda, acompanhamos essa gravura com um artigo descriptivo da cidade e da sua posição geographica, para elle enviamos os nossos leitores, limitando-nos por agora a apresentar-lhe o panorama da primeira cidade portugueza em Africa, o que não deixará de produzir certa surpreza aos pragoentos e maldizentes, que suppõe na sua condemnavel ignorancia que a Africa é um paiz só de pretos selvagens e que as suas cidades não passam de uns acampamentos de cobatas da mais primitiva e elementar construcção. O panorama que publicamos é o mais formal desmentido a essas falsas supposições.

A vista alonga-se n'uma grande extensão povoada de habitações de toda a especie, destacando-se aqui e acolá edificios regulares e de uma

certa grandeza. O seu amplo porto dá abrigo para um sem numero de navios, que alli aportem a fazer commercio.

De dia para dia vae crescendo de importancia a cidade de Loanda que n'estes ultimos tempos tem entrado n'um periodo de desenvolvimento notavel, e tudo leva a crer que dentro em poucos annos seja a primeira cidade de toda a Africa Occidental, como hoje já o é da Africa Occidental Portugueza.

O abastecimento de agua que está em via de se realisar, o caminho de ferro de Ambaca, que se vae construir, outros melhoramentos municipaes que se vão succedendo, tudo concorrerá para affirmar o que avançámos, porque Loanda já não póde retrogardar no caminho progressivo em que entrou.

O movimento que nos ultimos dez annos se tem produzido em favor das possessões portuguezas de Africa, ha-de fatalmente dar os seus resultados, e quando se tenha vencido completamente um resto de repugnancia que ainda ha de emigração portugueza para aquelle paiz, ter-se-ha resolvido o grande problema civilisador da Africa portugueza, e o commercio e a industria africana será um facto consummado, dando-lhe vida propria e desenvolvendo todas as riquezas naturaes, que hoje ainda se acham atrofiadas pela falta de emigração civilisadora que transforme o paiz.

Entretanto congratolemo-nos pelos resultados obtidos, atravez de todas as difficuldades e a despeito da pouca ou nenhuma attenção, que por muitos annos, mereceu aos nossos governos a questão colonial.

TYPO DE MULHER DAS PROVINCIAS DO NORTE DE PORTUGAL

As provincias do norte de Portugal são as mais ricas em costumes, ou melhor vestuarios, variados, alguns muito garridos, e outros mais modestos e até mesmo monotonos e tristes pelo dominante de côres escuras.

O typo de mulher, usando de capa, que reproduzimos pela gravura da nossa oitava pagina, não se póde precisar que pertença a esta ou aquella aldeia ou villa, mas é commum nas provincias do norte de Portugal, onde o uso de capa se torna mais necessario, contra os rigores do inverno.

A capa costuma ser de panno preto ou azul, umas vezes guarnecida de um largo galão de seda com lavores em relevo, e outras vezes liza.

Sempre farta e muito rodada, leva panno com que se vestiriam dois ou tres homens de boas calças e jaquetas; e é justamente n'essa fartura que consiste o luxo de taes trastes, que só pelo pezo attestam bem que os hombros que os aguentam não se vão abaixo com bagatellas.

Apezar da capa ser, ao que parece, destinada para abrigar seu dono do frio, isso não impede que seja, usada mesmo em dias de calma, e para isso só basta que esses dias sejam de festa. Então usa-se toda a chibança, e é para ver quem apresenta capa de mais fino panno e mais rodada, inda que o calor faça cantar as rãs n'agua.

CARTAS DO ALEMTEJO

I

Ha sete dias que o corpo se me fortifica e o espirito se me dilata ao ar oxygenado e sadio do campo. E ao contrario da lenda biblica da creação, n'este setimo dia que devia ser o do descanço, é que eu principio a trabalhar.

Isolo-me por momentos do meio em que me encontro, esqueço-me de que em volta de mim rebenta e cresce uma vegetação poderosa que me avigora o organismo, e transporto-me mentalmente á cidade, com as suas ruas da Baixa, direitas e compridas como tumulos, com as suas casas alinhadas como recrutas em descanço, com os grupos enfadonhos e indifferentes dos seus habitantes, com os halitos pestilenciaes dos seus encanamentos e com o aspecto chronico da sua monotonia passiva.

E digo então para mim:

Pobre Lisboa, que não te bastava isso, para te fazerem ainda a suprema irrisão de te chamarem —*cidade de marmore e de granito, rainha do Oceano*, e dizerem que *a brisa que varre os teus outeiros é pura como o ceu azul*.

E d'aqui que eu te vejo melhor e te reconheço e não te odeio, porque te lamento. E d'aqui, velha cidade, que eu me rio das tuas convenções, das tuas mulheres espartilhadas e macillentas, dos teus conselheiros graves e hirtos, dos teus enthusiasmos rhetoricos. E d'aqui, do meio d'este ambiente que conforta, e d'esta simplicidade que faz bem, que tu pareces aos meus olhos uma velha casquilha e pretenciosa, uma ridicula enfatuada que ainda tem aduladores, porque ainda lhe restam algumas pratas no fundo do mealheiro.

Tu, que a esta hora passeias no teu trem de praça, que saes da tua secretaria, que entras nos estabelecimentos, que atravessas a Avenida, que escutas embasbacado os dichotes dos semsaborões e a graça barata dos teus litteratos de *agua doce*, tu não comprehendes decerto o sentido d'estas palavras.

Tu, habituada ás divagações metaphysicas, ás especulações da Bolsa e ao estridulo pregão dos teus hospedes de Tuy, não sabes, não calculas, o que é este jubilo intimo e vasto que a grande natureza infiltra nos corações dos que a amam.

Tudo aqui é simples, bom, affectivo; o ar que se aspira, a gente que se encontra, o sol que allumia, o passaro que canta e a flôr que ri.

E n'esta grande harmonia, n'este concerto de jubilos, se uma idéa vem ás vezes perturbar-me: é a lembrança de que tu vives, cidade. E então mais se me avigora tambem esta anciedade pantheista e este tedio que me inspiras.

Salto pelos campos, deito-me pelas relvas, brinco com as creanças, sigo os animaes que correm, bebo a agua das nascentes, aspiro a seiva da terra e ao mesmo tempo que rejuvenesço o sangue, arejo a alma.

Tu, que estás repassada sempre de uma melancolia doente, vaes ouvir uma cousa simples, mas que dá a medida do viver no campo alemtejano, e que de todo contrasta com os teus habitos que esterilisam.

A tres kilometros da villa onde estou, ha uma propriedade conhecida pelo nome de *Monte do Barrocal*.

Sabes que no Alemtejo o *monte* é a habitação do lavrador no campo. Eu fazia idéa muito vaga do que era esta moradia especial.

Uns excellentes rapazes d'aqui, meus amigos, o maior dos quaes tu conheces, porque mais de uma vez lhe tens acclamado o talento de poeta, quizeram mostrar-me as qualidades caracteristicas e particulares do *monte*, e principiaram por este que a todos sobreleva em antiguidade.

«Vaes vêr, disseram-me, o que é em todos os requintes e particularidades, uma velha casa de lavoira no Alemtejo. Hoje verás esta que tem sido respeitada por alguns seculos e que vae dar-te uma idéa completa dos primitivos e mais rudes processos de agricultura. Mostrar-te-hemos depois a habitação do lavrador moderno.

Eram 5 horas da manhã.

O disco do sol purpureava ainda frouxamente as searas amarellecidas, as vinhas robustas e de um verde brilhante, aqui e alli, as filas de eucalyptus, que pareciam as sentinellas da alvorada, e emfim toda essa vegetação opulenta cheia de tons variadissimos que se espalha pelos vastos campos do Baixo Alemtejo.

Os carros que nos conduziam venceram em uma hora a distancia que vae de Reguengos ao *Monte do Barrocal*, tendo-nos desviado da linha recta para atravessarmos pelo meio a *Aldeia da Caridade*, tão branca, tão fresca, tão coroada de verdura, que faz lembrar as mais formosas aldeias do Minho.

Esperava-nos um velho de noventa e tres annos, um bom velho sadio, que desde pouco tempo dorme o grande somno regalado e tranquillo entre as suas velhas azinheiras, as suas queridas companheiras da infancia.

Este velho era o lavrador. Erguera-se muito cedo, vestira o fato de domingo, e alegre como um rapaz de vinte annos, mais fresco e mais sanguineo do que eu, esperava-nos no pateo, de braços abertos e olhar satisfeito, como se a todos nos egualasse a mocidade e nos nivelasse a alegria.

Este velho nascera alli e a casa recebera-a de seus paes, que já de outros velhos a haviam herdado. Identificara-se completamente com a antiga habitação secular e dir-se-hia que a completava. D'aquella casa não se podia abstrahir este homem, como não se comprehenderia a existencia d'elle, se ella não existisse.

De dentro das ramarias sahiam gorgeios d'aves, a esta hora da madrugada as folhas assobiavam uma musica extranha e doce, e a natureza que parecia espraiar por tudo aquillo a sua mocidade eterna e triumphante, dava n'este momento á casa e ao velho habitante um aspecto de juvenilidade capaz ainda de desafiar os seculos que vinham longe.

Eu não posso, ó velha doente, descrever-te a impressão que deixou no meu espirito, o grande, o fecundo Poder Creador.

Entrámos.

Antes do almoço que duas mulheres fortes e espadaúdas preparavam á pressa, passámos uma minuciosa revista a todos os objectos seculares da lavoira, ordinariamente dispostos, e tão bem cuidados que mais parecia terem sido construidos na vespera. Nada faltava. Longas filas de forquilhas, de encinhos, de forcados, de rodas, de trilhos, ostentavam a simplicidade dos primitivos instrumentos agricolas.

O calcadouro, isto é, a porção de cereal em rama que se deita na eira para a debulha e que vae depois de limpo accumular se nos celleiros, denotava ainda a abundancia da ultima colheita.

Os azeiteiros de chavelho retorcido com desenhos e arabescos toscamente feitos ha cem annos pelos pastores, os carros de cortiça que servem para o transporte da comida, as largas cabaças requeimadas pelo sol e recheiadas de varias sementes, que são como que uma vasta agricultura embryonaria alli dentro condensada e retrahida; na abegoaria os grandes lamegos, ou formidaveis arados que duas ou mais juntas de bois arrastam pelo campo e alli mesmo acompanhados do seu cortejo de carros, de pequenos arados e de carretas; n'outra casa exterior o velho forno ainda boquiaberto e fumegante por ter acabado de coser o pão para a malta e as perrumas para os rafeiros; proximo, as longas filas de cantaros de cobre dispostos em escala ascendente e parecendo tão pesados e macissos que por um instante me fizeram o appettite de os mandar converter em moeda corrente; emfim os mais miudos apetrechos proprios para qualquer serventia de campo ou domestica; as pás, as vassouras, as tradicionaes candeias de gancho com cruzes talhadas na haste para afugentar o demonio; os relogios de sol de auctor desconhecido e de arte duvidosa, todos os instrumentos emfim proprios aos rudimentares processos da cultura de campo.

Produziu no meu espirito a mais agradavel impressão a presença d'estes objectos vetustos que representavam o trabalho honrado e fecundo de muitas gerações que, por assim dizer, como se todos elles tivessem uma vida e uma alma, tinham alli mesmo a cuidal-os e a protegel-os, o seu guardião secular, o seu amigo, o velho Ramalho.

Não quero descrever-te, ó cidade que satisfazes no Penim e no Barracão o teu ideal gastronomico, o almoço farto e simples que devorámos, tendo á frente da mesa o antigo lavrador, cujo longo passado laborioso enlaçámos por um viva excepcional e unanime, a um presente honrado e tranquillo.

As nove horas findava o almoço, fugiamos em seguida ás ardencias do sol, e eu, tres horas depois de dormir a habitual sésta alemtejana, sentia invadir-me uma melancolia profunda ao lembrar-me que dentro em pouco havia de trocar o *Monte do Barrocal* pelo Pote das Almas!

Jayme Victor.

DOIS POETAS DO SECULO XVI

Quem foram, e que motivo nos levou a chamal-os á auctoria, depois de estarem, vae para tres seculos, dormindo ambos o eterno somno? Os dois poetas foram Diogo Bernardes, o mavioso cantor do *Lima*, o amigo intimo de Ferreira; e Luiz Pereira Brandão, o auctor, hoje completamente esquecido, da *Elegiada* poema em dezoito cantos, que tem por assumpto a perda da batalha de Alcacer-Quibir. D'este poeta affirma um critico que, se o genio poetico lhe correspondesse ao patriotismo o seu poema *seria hoje, um dos mais interessantes monumentos erigidos no Parnaso á gloria Lusitana* (1).

Pelo que respeita ao primeiro dos dois poetas que dão o titulo a este artigo, exprime-se d'esta maneira o Visconde d'Almeida Garrett, no seu BOSQUEJO DA HISTORIA DA POESIA E LINGUA PORTUGUEZA: *Bernardes foi excellente poeta; e comquanto sua linguagem é pobre, e em geral pouco variadas suas composições; a suavidade de seu estylo, certa melancholia d'expressão que lh'o requebra e embrandece darão sempre a Bernardes um logar mui distincto na poesia portugueza.*

De Luiz Pereira Brandão fala tambem Almeida Garrett, nos seguintes termos, referindo-se á decadencia da poesia nacional: *Ainda Luiz Pereira deplora na Elegiada a ruina da patria, mas esse canto funebre é quasi o canto do cysne da poesia nacional, que parece querer fenecer com ella, e já n'elle moribunda se mostra. Ha excellentes oitavas derramadas por esse poema, algumas descripções felizes, grandissima riqueza de linguagem; mas pouco mais.*

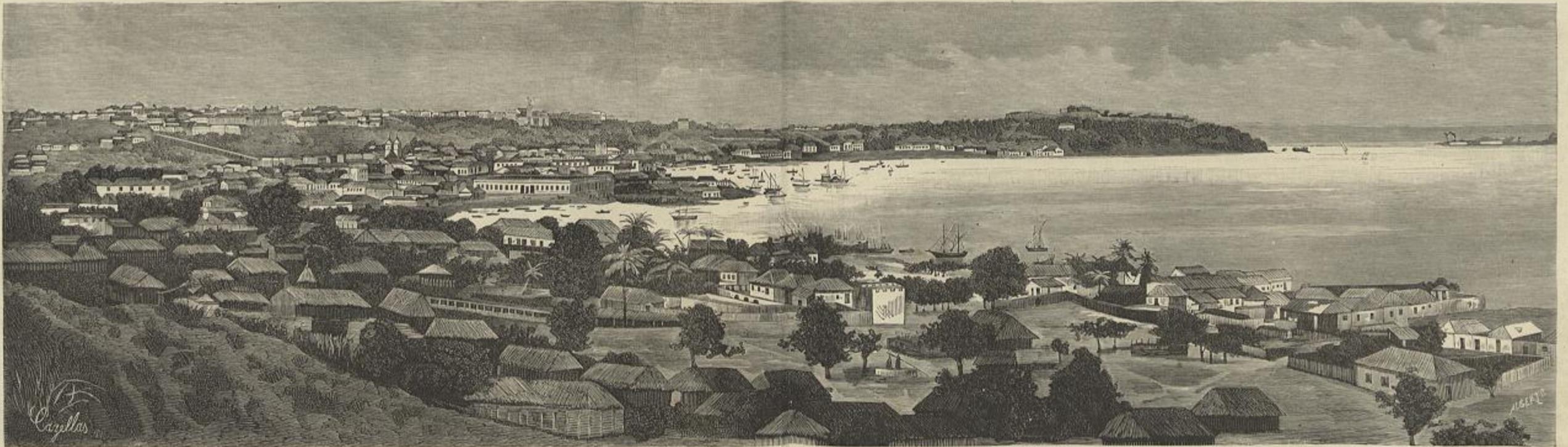
(1) Costa Silva, *Ensaio Biographico Critico*, tomo IV.

Vasco da Gama

Luiz de Camões

Infante D. Henrique

Pedro Alvares Cabral

Esculpturas de Simões d'Almeida, destinadas ao edificio do Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio de Janeiro (Segundo photographias)

AFRICA PORTUGUEZA — Vista panoramica da cidade de S. Paulo da Assumpção de Loanda (Segundo uma photographia de Moraes)

Aqui ficam pois os dois poetas aquilatados por mão de mestre. Vamos agora dar a rasão porque os emparelhámos, e que affinidades nos pareceu prendel-os, para juntos os apresentarmos na mesma escripta. Se lhes não foi commum a terra do nascimento, segundo as mais seguras averiguações Bernardes nasceu em Ponte da Barca, e Luiz Pereira Brandão, no Porto; de familias limpas parece haverem ambos descendido, e andarem pela mesma edade, porque a um e a outro assignalam os respectivos biographos, senão a data precisa do nascimento, a entalada entre os annos de 1530 a 1540, vindo assim, na primeira hypothese, a terem ambos 38 annos de edade; e, na segunda, 48, quando el-rei D. Sebastião se resolveu a desastrada expedição d'Africa, em 1578, apesar de pretenderem dissuadil-o de tão aventurosa empresa, alguns, a inda que poucos, dos seus conselheiros, a quem o monarcha não quiz prestar ouvidos, *taxa*, diz o auctor anonymo da CARTA A UM ABBADE DA BEIRA; *de quem muito presume e pouco sabe.*

Não é nosso proposito detalhar aqui os promonores dos preparativos da jornada d'Africa, descriptos com grande minucia e pompa nas nossas chronicas, e em crescido numero de outros documentos, mas sim de entre elles saccar, podemos assim chamar-lhe, a parte comica das vaidosas preoccupações do rei em vesperas de ir perder-se a si, e ao reino, nos areiaes africanos. Leviano, orgulhoso, inaccessivel a quaesquer reparos que contrariassem os seus propositos, D. Sebastião julgou sempre como seguro o resultado da sua temeraria empresa. Este profundo e injustificado convencimento, levou-o ás maximas puerilidades, como, entre outras, a ordenar a Jeronymo Corte-Real, e a D. João de Mafra, *que inventassem o que se deveria pôr no timbre de suas novas armas, com que n'esta jornada se havia de sair!* Afora desta frioleira, que por si só bastaria a denunciar um espirito achacado da monomania dos triumphos faceis, mas ruidosos; D. Sebastião levou comsigo, na galé em que se embarcou, uma corôa de oiro cerrada, para no dia da sua entrada em Alcacer se proclamar imperador de Marrocos (1); e para que ás ostentações mundanas, não faltasse a consagração da egreja, o sermão que Fernão da Silva havia pregar exaltando a sonhada victoria já ia antecipadamente feito, e até decorado!

(1) Rebello da Silva, *Historia de Portugal* nos seculos XVII e XVIII.

Ninguem pois se deve admirar de que a ostentosa previdencia de D. Sebastião se alargasse até escolher, por indicação dos jesuitas — diz-se — os poetas que haviam celebrar as façanhas d'Africa, e em *tuba canóra e bellicosa* perpetuar pelos seculos além a decisiva victoria da cruz sobre o crescente. Quando D. Sebastião se propunha, a dar de empreitada o poema que o havia de immortalisar, vivia ainda Camões, que acabára de publicar os *Lusiadas*, e de estimular os brios guerreiros do monarcha, dizendo esperar d'elle, jugo e vituperio:

> Do Turco oriental, e do Gentio,
> Que inda bebe o licor do santo rio

O rei, porém, era fraco julgador de engenhos poeticos, e em vez de confiar o seu renome, e a celebração das proesas que ia intentar, do genio portentoso do cantor de Gama, por mal aconselhado, ou por não querer na sua real prosapia ser celebrado por quem já immortalisára alheias acções, que D. Sebastião julgava acanhadas, á vista das que a imaginação lhe doirava no futuro, escolheu para panegyristas officiaes dos seus altos commettimentos a Diogo Bernardes, o devoto e mystico cantor das *Lagrimas de S. Pedro, de S. João Evangelista e Santa Ursula;* e a Luiz Pereira Brandão, que, vendo fugir-lhe o assumpto verdadeiro de uma epopea, depois da derrota de Alcacer-Quibir, se contentou em escrever a *Elegiada*, especie de *de profundis*, cantado sobre as ruinas da patria!

O grande ponto de analogia entre os dois poetas é este, principalmente. Os seus diplomas de engenhos previlegiados haviam saído feitos e acabados da chancellaria real, rubricados com a ponta da espada do imaginario triumphador de Muley Moluco! Se com simples e modesta prosa se houvesse contentado o moderno Achilles, em sua companhia levava a Miguel Leitão de Andrade, o futuro coordenador da *Miscellania*, para de seu heroico valor nos transmittir a noticia; sem contar com as chronicas com que os jesuitas não deixariam de accudir, exaltando-o, ao desfecho da grande e luctuosa tragedia de que elle ia ser o heroico protogonista. Na alternativa da escolha dos que haviam levar o seu nome á posteridade, D. Sebastião dava, ao que parece, a preferencia aos Virgilios sobre os Tito-Livios, e por isso antepunha Diogo Bernardes, e Luiz Pereira Brandão, aos prosadores de boa nota, que podiam, em rethoricas antitheses, e largas ampliações, encarecer as peripecias da lucta tremenda em que se ia empenhar. Como se desobrigaram os dois poetas minhôtos, do encargo que lhes fôra imposto de levarem D. Sebastião á posteridade? Escassos são os elementos que nos restam, para podermos desafogamente apreciar o caracter dos dois poetas, que se deixaram ir na onda do enthusiasmo popular, acceitando, como hoje diriamos, a commissão official para que haviam sido nomeados. O que se sabe, a não poder restar duvidas, é que ambos ficaram captivos dos moiros depois da batalha de Alcacer-Quibir; e que, para matarem saudades da patria, se acolheram avisados á sombra da poesia, procurando conforto para o seu desvalimento, nas recordações de um passado menos obscurecido de trevas, de que o incerto presente em que viviam.

De Diogo Bernardes ainda se pode averiguar a filiação, que pouco ou nada presta para o nosso caso; e a certeza de que tivera por irmão o ascetico Frei Agostinho da Cruz, que no convento da serra da Arrabida se penitenciava do convivio que em rapaz tivera com as Musas; e ainda a suspeita de que o destino, e não a vontade reflectida, o levara a trocar as cantigas serranas, pelo bulicio dos campos de batalha.

De Luiz Pereira Brandão apenas se apura, que fôra o auctor da *Elegiada* trocando os epicos arrebatamentos que lhe deviam inspirar as promettidas glorias d'além-mar, pelo desconsolo da mais completa catastrophe de que resa a historia nacional. Quando D. Sebastião andava já envolvido nas nebulosidades das lendas, e pelas prophecias predestinado para redemir o reino que perdera, ainda os dois poetas jaziam nas masmorras de Fez, incertos do dia em que poderiam recuperar a liberdade. A Diogo Bernardes, mais insoffrido, ou mais saudoso,

> Lembravam-lhe outros valles, outros montes,
> Outras aguas mais claras, outros rios,
> Outros mais afastados horisontes

mas, apesar de tão captivo trazer o pensamento ás recordações da terra natal, não renegava o culto do Mecenas, que o arvorára em cantor dos seus triumphos, e momentaneamente esquecido das proprias magoas, dizia:

> Não choro quanto a mim vêr-me perdido;
> Choro que vi perder em breve espaço
> Um rei tão bellicoso e tão temido.

e, fazendo justiça aos que nos plainos de Alcacer-

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 235)

III

O auto de fé

A esse tempo já ia fóra das muralhas da cidade o sagaz companheiro que os largára a elles.

Caminhava lentamente, abordoado ao seu cajado, levando ás costas uns fartos alforges que trouxera da terra, quando viera para Lisboa, recommendado ao guardião do convento de Santo Eloy, onde servira alguns mezes, a mau pesar seu.

Nas algibeiras, para algum troco pelo caminho, levava a sua famosa sevilhana e duas pistolas de bom alcance.

Acompanhava-o uma creatura revoltante, que pelo traje bem mostrava a procedencia.

Era cigana. Pertencia a essa raça especial de vagabundos não menos detestada que a dos judeus, mas incomparavelmente mais digna que elles da odiosa perseguição que era feita áquelles seus companheiros da tortura e da fogueira.

Esfarrapada, de olhos ardentes, labios resequidos, cabello estupentado, e de uma côr terrosa e bassa, aquella cigana era para o *Frade* alguma cousa mais do que a sua companheira, a sua amiga, a sua affeição fatal, porque era o seu oraculo.

Tinha por ella um respeito filial, uma submissão canina.

E todavia essa mulher, que em nada desdizia os instinctos ferinos e traiçoeiros da sua raça de vagabundos, proscripta em todos os paizes, perseguida em todos os codigos, havia sido a instigadora de todos os seus infortunios.

Ha nove annos que os seus destinos se tinham ligado por um d'esses acasos que não se explicam.

Historiemol-o.

O *Frade* chegára então ha pouco da terra, recommendado a um parente seu, estabelecido na rua Nova dos Ferros, com tenda de marsaria, grossas e barretes e especiarias de todo o genero, o qual por lhe dar commodo a seu gosto, em que o rapaz não fosse perder-se, o collocára por criado no convento de Santo Eloy onde tinha amigos.

Aparentava o rapazito notaveis disposições physicas para a vida do claustro. Cara sobre o largo, de uma grande serenidade pachorrenta, certa maneira acanhada de olhar para a gente que denotava castidade de pensamentos e humildade de coração, cachaço largo, bom e robusto cachaço de frade, e outras qualidades de sagacidade e esperteza, que, bem aproveitadas e dirigidas, dariam um guardião de fama e fariam a honra do convento.

De sorte que desde logo começaram por apertar com elle para que professasse, e o parente da rua Nova, lisonjeado por tão precoces disposições, insistiu em o querer frade.

Mas porque ninguem se deve fiar em apparencias, succedeu que os conspicuos freires de Santo Eloy, e bem assim o atilado marsario de grossas e barretes, soffreram immediatamente, aos primeiros encontros com a inclinação do supposto candidato á vida do claustro, uma redonda negativa e formal desengano que os deixou a todos abysmados.

Tomaram á conta de cousa má, que se havia mettido no corpo do rapaz, o facto imprevisto e inaudito de se recusar elle a acceder a tão pios e commodos desejos.

O parente, tomado da mais santa indignação, chamou-lhe a vergonha da sua cara, prophetisando que nunca havia de passar de um mariola.

Então não se dava a essa palavra o sentido que hoje tem, aliás usaria do correspondente que agora se lhe dá e chamar-lhe-ia gallego, para desaffronta dos seus brios d'elle, que era minhoto, natural de Valongo, e tinha muita honra n'isso.

Desde essa occasião solemne o rapazito começou a experimentar todas as torturas que o parente e o guardião do convento, de commum accordo, imaginaram para o fazer comer terra e chegar ao bom caminho.

Um excellente velho que era frade da Graça e visita do marsario propoz-se a exorcismal-o, e como nem assim lhe tirasse o demo do corpo, encarregou-se o parente de, com a tranca da loja, tentar o derradeiro esforço de pôr a calva á mostra a Satanaz e ás uvas em piza ao endemoninhado em que elle se alapara.

Esteve de cama oito dias o rapaz e soffreu uma sangria, além de duas duzias de sanguesugas na boca do estomago, que o puzeram a pão e laranja.

Como julgasse não ser bastante a sova, o marsario quiz que elle assistisse no Rocio a um auto de fé, como se depois do argumento da tranca, com que lhe sacudiu as costellas, não soubesse de outro mais efficaz para convencer uma alma desviada do bom caminho do pacifico claustro (1).

O rapaz voltára para o convento horrorisado. Nunca as saudades da sua aldeia mais vivas se lhe alevantaram na contristada alma.

Onze fogueiras destinadas ás oito victimas e ás tres estatuas espalhavam a meio da praça um clarão importuno, a que a claridade do dia tirava todo o sinistro colorido.

A população agitava-se em todas as direcções, disputando entre si o logar em que melhor pudesse gosar o medonho espectaculo de vêr queimar vivas oito pessoas.

Ao apparecer a funebre procissão no portico do palacio inquisitorial, um sussurro enorme annunciou aos circumstantes o começo do infame espectaculo, triste legado da corrupção e ferocidade do seculo.

Quando o prestito começou a dar a volta do estylo, a ira popular irrompeu com a violencia de uma cratera.

Aos penitentes eram dirigidas, pela plebe, as maiores affrontas. Aos judeus espancavam e arremessavam-lhe com pedras e lama. Era um triste testemunho do estado de embrutecimento em que o fanatismo sepultava as multidões.

Quando começou a tremenda hecatombe e os condemnados subiram para o tablado onde cada um d'elles havia de ser queimado em fogueira propria, o moço dos frades de Santo Eloy, que assistia a este espectaculo assombroso, soltou um

(1) Foi de grande festa inquisitorial em Lisboa, Coimbra e Evora o dia 28 de novembro de 1621. Em Lisboa a inquisição saiu com 96 pessoas, sendo homens 59 e mulheres 37; 5 homens e 3 mulheres relaxadas e 3 em estatua. Em Evora com 100, sendo 2 homens e 7 mulheres relaxadas e 6 estatuas. Em Coimbra com 174, sendo 74 homens e 100 mulheres, 8 homens e 4 mulheres relaxadas e 12 em estatuas. Durou tres dias e n'elle foram queimadas familias inteiras. *(Summario de Varia Historia*, vol. IV, 1873.)

Quibir haviam caído para não mais se levantarem, accrescentava:

> Morrestes cavalleiros esforçados,
> D'aquella multidão de bruta gente
> Vencidos não, mas de vencer cançados.

Em quanto Diogo Bernardes assim enganava as tristezas do captiveiro, voando com o pensamento das plagas africanas, ás margens floridas do seu Lima; Luiz Pereira Brandão, ao que parece, mais talhado para resistir ás durezas da sorte, delineava o plano da sua *Elegiada,* de que escreveu uma grande parte no meio das maiores miserias e tribulações, antes de lhe ser dado regressar á patria. *Biographia-metrica de D. Sebastião,* chama Costa e Silva ao poema do soldado de Alcacer-Quibir. Teve, talvez, rasão o critico, em assim classificar a *Elegiada,* a que Almeida Garrett depois chamou *o canto do cysne da poesia nacional,* mas a inteireza de caracter do poeta, essa é que não pode ser contestada.

Ignora-se o anno em que os dois captivos regressaram a Portugal; e com relação a Luiz Pereira Brandão, tudo o mais, que não seja a publicação do seu longo e patriotico poema. De Diogo Bernardes, mais feliz, debaixo d'este ponto de vista, falam com encarecimento os poetas seus contemporaneos, entre outros, os dois legisladores do Parnaso portuguez, Sá de Miranda, e Antonio Ferreira. Parece, porém, que a fortuna não deixára de lhe ser adversa, pelo menos Costa e Silva assim o conjectura, fiado nas proprias palavras do poeta que, em uma das suas eclogas, se denuncia como pretendente a um cargo publico qualquer, apadrinhado por Christovão de Moura! É verdade que do bom despacho da pretenção dependia vêr-se o poeta, com elle proprio o declara, *bem são do mal da fome;* rasão bastante a absolvel-o perante a posteridade d'este seu descaminho patriotico, aliás justificado pelo procedimento dos que, nas côrtes d'Almeirim, e depois d'ellas, haviam vendido ao extrangeiro a terra da patria. Quando Diogo Bernardes assim se prostrava aos pés do omnipotente ministro de Filippe II, andava já no declinar da edade, como se deprehende do fecho do memorial poetico, entregue pelo soldado d'Africa a Christovão de Moura:

> Fazei conta, Senhor, que El-Rei me empresta
> A mercê, que por vós, d'elle pretendo,
> *Por que da vida já pouco me resta,*

Não crêmos que a mercê por Diogo Bernardes sollicitada, fosse o mingoado officio de Moço da Toalha, que obteve; ironica recompensa dos seus serviços militares, e dos dotes poeticos que os jesuitas lhe haviam reconhecido, inculcando-o á benevolencia e á vaidade de D. Sebastião.

Cançado da ingratidão e injustiça dos homens, e a exemplo de seu irmão, Frei Agostinho da Cruz, que nem no convento deixára de poetar, dirigindo-se em verso a todos os santos da côrte celestial, Diogo Bernardes, que fôra escolhido para as ousadias do poema epico, deleitava-se em fazer sonetos ás cinco chagas do Redemptor, e em escrever elegias repassadas de profundissima tristeza. Foi, reinando já em Portugal Filippe II, que Diogo Bernardes se casou, e tão a serio tomou o seu novo estado que, d'elle falando, diz:

> Carregaram em mim cuidados graves
> Depois que me entreguei ao hymeneo,
> Que fecha a liberdade com mil chaves.

d'estes cuidados tirando argumento para se justificar de *já não cantar versos alegres e suaves, junto do patrio Lima.* Não sabemos a que o poeta chama fechar a liberdade com mil chaves, pelo facto de se haver casado, a não ser que, depois do captiveiro de Fez, se visse, pobre Bernardes, agrilhoado, por toda a vida, a alguma d'essas mulheres, que vieram já em nossos dias justificar a tão debatida lei do divorcio!

Estes foram os poetas a quem D. Sebastião, partindo para Alcacer-Quibir, despachára Homeros, como poderia havel-os nomeado para cargos menos honrosos, mas mais lucrativos; não prevendo que, para os substituir, se lhes avantajaria o Bandarra, e o seu duplo collega Simões Comes, como elle sapateiro e propheta.

Ha creaturas predestinadas, para contaminar com o infortunio proprio, todos quantos se lhe approximam. El-rei D. Sebastião foi um d'esses homens — contagio que até logrou desvirtuar o engenho dos que de Portugal haviam saido poetas, para regressarem á patria, eivados d'essa melancolia fatal, que é o caracteristico dos que passaram, ou viram passar os outros, pelas grandes decepções da vida. Ha ainda hoje quem traga de côr, guardadas na memoria, como em sacrario fiel, as prophecias e os prognosticos da Madre Leocadia, do Preto do Japão e do Moiro de Granada; mas para apostar seria, que ninguem conhece, sequer de nome, a *Elegiada* de Luiz Pereira Brandão; nem é capaz de citar um unico verso de Diogo Bernardes, dos com que elle lastimava o rei:

> ... «por nosso mal tão esforçado.

que nos areiaes africanos sepultára a gloria, e a velha prosapia do nome portuguez.

Quem desejara conhecer a fundo o caracter cavalheiroso de D. Sebastião, estuda-o em Barbosa Machado, e Frei Bernardo da Cruz; profunda-o na *Jornada d'Africa,* de Jeronymo Mendonça; no *Portugal cuidadoso e lastimado,* do padre Bayão; ou ainda na *Historia Sebastiana,* de Frei Manuel dos Santos: sem carecer de se lembrar que existiu Diogo Bernardes, nem que, em desempenho do compromisso que tomára, Luiz Pereira Brandão! foi, o hoje totalmente esquecido auctor da *Elegiada*

Pobres poetas!

L. A. Palmeirim.

RESENHA NOTICIOSA

Capello e Ivens. Quando havia um anno, que nenhumas noticias se recebiam d'estes dois intellegentes e conscienciosos exploradores, e o governo já se dispunha a organisar uma expedição para ir ao seu encontro, eis que de repente, e sem que ninguem o esperasse, se recebe um telegramma de Moçambique, no qual sem a minima ostentação os dois benemeritos officiaes communicam haverem realisado a travessia de Africa, mas sem pressa e sem ruido, estudando, registando e consolidando ainda mais a nossa influencia e bom nome n'aquellas paragens. Quem leu o importante livro *De Benguella ás terras de Iacca,* deve ter conhecido a importancia dos trabalhos d'estes dois, já celebres, exploradores, e agora a curiosidade publica volta-se para as suas personalidades, cada vez mais sympathicas e interessantes, dispondo-se a recebel-os pela maneira mais condigna aos seus altos feitos, e esperando anciosa conhecer de prompto os grandes resultados scientificos e praticos de uma travessia tão arrojada, quanto importante e serenamente executada. A ilha de S. Miguel que já contava Roberto Ivens como uma das individualidades mais caracteristicas a que dera nascimento, inscreverá agora o seu nome a par do de Bento de Goes, o arrojado viajante que no seculo XVI atravessou a Asia de Goa á China, pelo Thibet, Tartaria, etc.

O explorador Rogozinski. É já bem conhecido

---

grito afflictivo, que produziu em muitos estranheza, sendo objecto de murmuração.

O parente da rua Nova puxou-lhe por um braço, indignado, mas elle não comprehendeu que lhe era defeso mostrar-se condoido e humano entre espectadores de um auto de fé, e explicou, a chorar, que um d'aquelles infelizes era um cigano seu conhecido, que todos os annos pelo tempo da vindima visitava a sua aldeia e lhe tosqueava os burros.

Fez-se de uma côr arroxeada o marsario e intimou-lhe rancoroso que se calasse.

Não se atreveu o rapaz a dar outras explicações. Apoderára-se d'elle um sentimento invencivel de pavor e reprimiu-se o mais que poude.

O cigano era alto, trigueiro, e tinha uma apparencia petulante e altiva, que estava produzindo geral escandalo.

Os rapazes haviam-lhe arremessado paus e garrunchos, de sorte que elle, apesar de se defender d'esses ataques brutaes com a samarra em que aparava as pancadas que lhe eram dirigidas, estava a escorrer sangue.

Subiu o tablado com a maior affouteza, recusando-se a ouvir o padre que o acompanhava, deixou-se amarrar sem maior resistencia, mas ao chegarem-lhe o fogo, começou a lançar de si os feixes de lenha com que lhe atiravam, soltando gritos horriveis, blasphemias e imprecações medonhas.

Então a turba lançou-se sobre elle enfurecida, tiraram-lhe um olho com um fueiro, e o desgraçado, longe de minorar o seu horrivel soffrimento, só conseguiu aggraval-o, pois padeceu tres horas, que tantas foram as que durou com vida sobre o fogo (1).

Não poude mais. Pallido, de cabellos hirtos, olhar desvairado, o rapaz deitou a correr para o convento, deixando o marsario no meio da turba.

Ao vel-o o velho guardião interrogou-o.

Estava de tal sorte desorientado que nem soube o que disse.

Falou, atacado de um desejo ardente, indomavel, de dizer tudo que lhe vinha á cabeça, que lhe acudia ao pensamento, sem outra reflexão ou consideração mais do que a necessidade instinctiva de desafogar a sua paixão, de dizer o que sentia.

E quanto mais insistiam com elle para que se callasse, peior, porque elle falava, e com maior vehemencia coloria a phrase, que lhe saía expontanea, de tal modo, que o credulo guardião cuidou estar ouvindo o diabo a falar pela bôca do endemoninhado.

Reprehendeu-o asperamente, mandou-o retirar da sua presença e foi d'alli cheio de escrupulos consultar alguns religiosos mais doutos e conspicuos — o fr. José da Natividade e fr. Manuel da Pureza, prégador da ordem.

Affigurava-se-lhe ao bom do guardião um caso gravissimo aquelle, e da maior responsabilidade para a sua consciencia, pois que o rapaz no que lhe dissera e na maneira por que procedera, bem se denunciava delinquente grave em materia de fé.

Elle avançava proposições hereticas e blasphemava de uma maneira temeraria e escandalosa, como qualquer apostata, renegado e relapso dogmatista!

Tremia pela responsabilidade e obrigação em que se julgava de delatar tamanhos crimes, e pedia pelo sangue precioso de Christo aos bons dos religiosos que o aconselhassem e dirigissem em tão afflictivo apuro.

Fr. Manuel, estribando-se em opiniões solidas de insuspeitos doutores e mestres da ordem, consolou-o, sustentando que elle na sua qualidade de guardião só ao provincial tinha de prestar obediencia; que o facto do rapaz ter a lingua comprida estava previsto e era um dos casos reservados em particular que a elle só cumpria julgar; que não podia chamar-se-lhe de desobediencia contumaz, mas que merecia castigo severo e expulsão immediata do convento.

Estavam n'isto, quando appareceu o marsario.

Sabedor do occorrido, gritou muito, com grave falta de consideração pela respeitabilidade das pessoas presentes e do logar em que se achava, e grandes mostras de grosseria, que principalmente desagradou ao padre mestre prégador, o qual não queria em força de pulmões encontrar quem o igualasse, quem berrasse mais do que elle!

D'este modo o rapaz intimidado, rompeu n'um choro de desespero, e por mais que o marsario o intimasse a que respondesse, mais elle chorava.

Ninguem se entendia.

Explicou elle que o rapaz tinha *raiva,* e, pedindo licença aos respeitaveis freires, sem esperar que lh'a concedessem, deitou-se a elle e desancou-o alli mesmo, repetindo com grande furor:

— Espera que eu te ensino.

Acudiram a tirar-lhe das mãos a indefeza victima, e assentou-se em mandal-o para o carcere, e se continuasse persistindo na negativa obstinada e na desobediencia aos seus superiores, sem lhes pedir perdão dos erros em que cahira e blasphemias que proferira, fazel-o apresentar ao Santo Tribunal.

O rapaz ao ouvir isto deitou-se no chão, oppondo uma resistencia desesperada e bradando n'um gritar de possesso:

— Eu quero ir para a minha terra, que lá não se queima gente viva.

— Vêem, vêem, clamava o parente da rua Nova. E chamavam-lhe vossas reverendissimas o *frade.* O diabo é o que elle é. O rapaz tem pacto com o porco sujo.

Foram mandados chamar quatro leigos possantes para o agarrarem, e só assim conseguiram á força leval-o para o carcere, tendo o cuidado de o amordaçar para não dar escandalo maior a quem ouvisse os seus dislates e despropositos.

Uma vez no carcere, teve um unico pensamento: escapar-se quanto antes.

Mas de que modo?

Ahi é que a razão d'elle não chegava.

A enormidade do perigo, os grandes terrores de que se encontrava assaltado, tornaram-n'o prudente, cauteloso e reflexivo.

Poz-se a meditar a serio na sua sorte.

Em resultado d'essas locubrações achou-se cheio de razão, victima de grandes violencias, e entendeu que a justiça estava pela sua parte e que devia, escudado n'ella, pôr-se em lucta, oppor tenaz resistencia de astucia contra a força de tenacidade, contra a tyrannia.

Estava perdido.

(Continúa)

Leite Bastos

(1) Deu-se um caso inteiramente simillhante no auto de fé celebrado em 26 de novembro de 1684, em que foram a queimar Antonio de Cabilhas e Manuel de Sandoval. Vide *Crimes da Inquisição* inedito do auctor.

o nome do infatigavel explorador polaco, que incorreu nas coleras do principe de Bismarck, pela sua attitude anti-prussiana na costa occidental de Africa, por occasião das tentativas coloniaes da Allemanha do norte. O viajante achava-se ultimamente na ilha da Madeira disposto a regressar á Polonia, trazendo comsigo grande cabedal de apontamentos, e de observações scientificas e commerciaes que conta publicar, fazendo por essa occasião a relação da tomada de posse do territorio dos Camarões pelos allemães, de que foi testimunha ocular.

A liberdade illuminando o mundo. Como se sabe esta estatua offerecida pela França á grande republica norte-americana, partiu do porto de Ruão a bordo do transporte de guerra francez *Isère*, sob o commando do capitão de mar e guerra Lespinasse de Saune, e sabe-se tambem que o transporte chegou a New-York e alli fez uma entrada triumphal acompanhado da fragata almiranta *Flora*, e de mais noventa vasos. Pelo commandante Lespinasse foi a estatua entregue ao general Stone, encarregado da construcção do pedestal, trocando-se n'essa occasião entre os dois, palavras muito expressivas e commoventes. No seu trajecto para os Estados-Unidos, tocou o *Isère* no porto da Horta, ilha do Fayal, onde se demorou alguns dias. Na noite de 3 o vice-consul francez n'aquella cidade, o commendador Rodrigo Alves Guerra, offereceu na sua bella residencia de Santa Anna um magnifico baile á officialidade do *Isère*, o qual durou animado e brilhante até ás 6 horas da manhã seguinte.

Embaixada marroquina. Chegou a Paris e foi recebida no dia 4 do corrente pelo presidente da republica a embaixada do imperador de Marrocos composta de Si-Abd-el-Melek chefe da missão e de Si-el-Muez.

Typo de mulher das provincias do norte de Portugal
(Desenho de M. de Macedo)

Olivier Pain. Dizia-se em tempo que este jornalista francez andava no Egypto, ou antes no Sudan em companhia do Mahdi, inspirando-lhe muitas resoluções e outros actos mais ou menos acceitaveis. Dizia-se que o jornalista francez não só fazia todo o mal possivel aos inglezes pela palavra e conselhos e que por esse motivo o general Walseley pozera a sua cabeça a preço e que elle fôra morto. Por este motivo a *Associação dos jornalistas republicanos francezes*, na sessão de 1 do corrente tomou as seguintes resoluções: primeiro intentar perante os tribunaes inglezes uma acção civil contra o capitão Smith e general Wolseley, por haverem posto a preço a cabeça do jornalista Pain; segundo de communicar esta resolução ao ministro dos negocios estrangeiros. Além d'isso resolveu-se organisar uma solemnidade funebre em honra do jornalista em uma sala de Paris, revertendo o producto d'esta cerimonia popular a favor da familia do jornalista.— Por outro lado noticias, tambem de alguns jornaes republicanos, não só desmentem que o jornalista tivesse junto do Mahdi a importancia que elle se attribuia, mas ainda accrescentam que é falsa a noticia da sua morte, e que elle partiu do Sudan em direcção ao Congo. Se a primeira noticia se verificar, ha de ser curiosa a decisão dos tribunaes inglezes. No entanto o ministro dos negocios estrangeiros de França deu ordem ao agente francez no Cairo, para obter todos os esclarecimentos que poder, relativos ao jornalista.

Terramoto horroroso. Na parte oriental da montanha do Caucaso, segundo participações d'alli vindas, houve um terrivel terramoto, um dos mais horrorosos que a historia regista. Enormes fendas se abriram, em seguimento aos abalos repetidos, sendo completamente engulida por ellas a cidade de Sikuck de alguns milhares de habitantes. As desgraças pessoaes são grandes, não se podendo ainda precisar o numero de mortos. As perdas materiaes ascendem a muitos milhões de rublos.

Remedio contra o cholera. Não se perde por certo de mais, e por isso copiamos de um periodico a seguinte receita que se diz ter sido empregada com feliz resultado por um capitão de navios que conduzia emigrantes da Europa para a America. Uma colher de chá de Cayenna e outra de sal refinado, dissolvidos em dois decilitros de agua a ferver. Esta dose deve ser dada o mais quente possivel a cada doente, quando administrada pela primeira vez. É simples bastante, e oxalá que seja proveitosa, ou antes, que não seja mister aproveitarem-se d'ella.

Delacroix. A exposição emprehendida em Paris, depois da morte do grande pintor, por um grupo de admiradores e que ha pouco se verificou, deu um producto de 60:000 francos, ou 10:800$000 réis.

Exposições. Depois da das obras de Delacroix, já se abriram em Paris a dos aguarelistas a pastel, onde se fazem notar muitas e brilhantes aguarellas do seculo passado; a dos artistas independentes, e a do já notavel pintor Latour, que segundo se affirma é um pintor original, tanto pelo seu pincel como pelo seu caracter.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do povo e das escolas. *David Corazzi, editor, Empreza Horas Romanticas. Administração, 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa; filial no Brazil: 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro.* — Fasciculo n.º 107, *Equitação* e fasciculo n.º 108, *Direito Internacional maritimo.* N'estes volumінhos, como nos demais, estão reunidos os elementos dos importantes assumptos que elles tratam.

Africa Occidental, por J. A. da Cunha Moraes e com uma introducção por Luciano Cordeiro, David Corazzi editor, Lisboa. Com este titulo principiou a casa editora do sr. David Corazzi a publicar um *Album photographico e descriptivo da Africa Occidental.* Nós que, no Occidente principiámos a vulgarisar e tornar conhecidas pela estampa as paysagens, os edificios publicos e os estabelecimentos mais notaveis d'aquelle novo mundo, occupando-nos sempre de um modo especial dos assumptos africanos, no sentido de chamar para aquellas possessões portuguezas a attenção publica, não podemos deixar de acolher com alvoroço a nova publicação, que vem engrossar a propaganda que é mister fazer em favor da Africa portugueza, demonstrando e convencendo por todos os modos o espirito publico, que a Africa é um paiz magnifico, que o seu solo é de uma fertilidade prodigiosa, apto a bem recompensar o trabalho que n'elle se empregar, e que só a falta de braços para arrotear as suas uberrimas florestas, e para seccar os pantanos que tornam alguns dos seus pontos insalubres, é que dão causa a certas doenças endemicas que assustam o europeu, mas que de resto diminuem a olhos vistos na razão do augmento da emigração que vae beneficiando o paiz. *A Africa Occidental* é, pois, uma publicação que, devassando as bellezas do paiz africano, vem concorrer para o tornar mais conhecido e apreciado. Bem vinda seja.

Almanach do Horticultor para 1886, publicado sob a direcção de Duarte de Oliveira Junior pelos collaboradores do *Jornal de Horticultura Pratica*, David Corazzi editor, Lisboa. É o primeiro almanach, que nos conste, que este anno apparece para o futuro anno de 1886. Na sua especialidade é um livro modelo e de muito bom gosto pela variedade de artigos que encerra, todos de utilidade agricola, e pela profusão das gravuras que illustram as suas paginas, verdadeiramente interessantes e prestadias, quer para o amador, quer para o agricultor de profissão.

O Cancioneiro Musical. David Corazzi, editor. Lisboa. Já por vezes temos recommendado ás nossas estimaveis assignantes esta publicação extremamente nacional, tanto na poesia como na musica, e tão grande tem sido a acceitação que o *Cancioneiro Musical* tem tido, que a Empreza editora resolveu fazer a publicação que até aqui era quinzenal, semanal, para attender ao desejo da maioria dos assignantes, em possuirem n'um prazo mais curto a obra completa.

Historia de Gil Braz de Santilhana, por Lesage, traducção de Julio Cesar Machado. David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculo 4 d'esta edição monumental, cuja distribuição é feita quinzenalmente.

O Instituto, *revista scientifica e litteraria, volume XXXII, junho de 1885. — Segunda serie, n.º 12. Coimbra, Imprensa da Universidade.* Com este fasciculo terminou o volume 32, e n'elle vem continuado, e fica ainda dependente de conclusão uma deducção do actual sr. Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, o sr. Bernardo de Serpa, a respeito das *Prerogativas da real capella da Universidade*, e isto em vista do conflicto que se levantou entre aquelle alto funccionario e o reverendo bispo-conde, por occasião das exequias do fallecido Vice-Reitor, visconde de Villa-Maior celebradas na Real Capella da mesma Universidade. Contém mais *Faune conchyliologique marine du nord-ouest du Portugal* pelo sr. Augusto Nobre; *Os seis livros de Tito Lucrecio Caro, sobre a natureza das cousas*, vertidos em verso solto portuguez por Agostinho de M. Falcão. *Victor Hugo*, extracto do *Diario da Camara dos senhores deputados* na sessão de 23 de maio de 1885 e outros escriptos; — *A roupeta*, artigo do sr. Alberto Telles, e chronica.

Typ. Elzeviriana. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.